A CONSISTÊNCIA DO CONCEITO DE TRANSGENERIDADE NAS "ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS"

Cristiana Kaipper Dias[1]

Resumo: Este artigo discute a consistência do conceito de transgeneridade apresentado no trabalho *Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos* de Jaqueline de Jesus (2012). Este texto foi escolhido por se tratar de uma referência nos trabalhos sobre Identidades de Gênero, sendo frequentemente citado nos trabalhos e por ser considerada uma cartilha clara e explicativa para a população em geral. Para a análise conceitual utilizaremos como referência o texto *Methodology of Conceptual Research in Clinical Behavior Analysis* de Ferreira, Matos, Moura, Santos e Simões, que se propõe a oferecer uma metodologia para a análise conceitual e que consideramos válidas para as mais diversas áreas de estudo sobre o comportamento humano. A partir deste estudo teórico pudemos perceber que o conceito de transgeneridade proposto pela autora (Jesus, 2012) é coerente com a pesquisa básica, que, assim como ela, utiliza como fundamento as discussões teóricas e conceituais da Teoria Queer. Está relativamente em consonância com a filosofia de base, e tem uma importante utilidade na pesquisa aplicada e enquanto tecnologia de transformação. O principal elemento que poderia ser revisto é a precisão conceitual em relação ao consenso entre os estudiosos, o que torna o campo confuso e dificulta a assimilação das discussões para o público.

Palavras-chave: Transgeneridade. Consistência conceitual. Gênero. Epistemologia.

Sobre o Conceito de Transgeneridade

[1] Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia – criskaipper@hotmail.com

No texto construído por Jaqueline de Jesus (2012), intitulado *Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos,* a autora transgênera e especialista no tema traz uma proposta de conceituação sobre a transgeneridade e suas derivações. Consideramos uma boa referência, pois além de a autora ser ela própria transgênera e pesquisadora doutora no tema, o conteúdo é revisado por outras autoridades no assunto como Berenice Bento, Luis Mott e Paula Sandrine. Segundo Jesus (2012):

> Reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão transgênero, enquanto expressões diferentes da condição. A vivência do gênero como:
>
> 1. Identidade (o que caracteriza transexuais e travestis); OU como
>
> 2. Funcionalidade (representado por *crossdressers*[2], *drag queens*, *drag kings* e transformistas[3]).
>
> Há ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero. Aqui no Brasil ainda não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo ***queer***, outros a antiga denominação **andrógino** ou, ainda, reutilizam a palavra **transgênero**. (p.7)

Então, segundo esta descrição, o termo transgênero se refere às pessoas que, em sua identidade ou funcionalidade, não se identificam (em diferentes graus e de diferentes formas) com os papéis do gênero que está em concordância com a designação da comunidade a partir do seu nascimento. Este termo está em oposição ao cisgênero, que seria um "conceito 'guarda-chuva' que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento." (Jesus, 2012, p. 14)

Assim sendo, destrinchamos os termos que compõem a transgeneridade, excluindo a transgeneridade funcional. Em relação à transexualidade, a autora define: "A transexualidade é uma questão de identidade. [...] Mulher transexual é toda pessoa

---

[2] "Surgiu um termo novo, variante de travesti, para se referir a homens heterossexuais, geralmente casados, que não buscam reconhecimento e tratamento de gênero (não são transexuais), mas, apesar de vivenciarem diferentes papéis de gênero, tendo prazer ao se vestirem como mulheres, sentem-se como pertencentes ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, e não se consideram travestis: *crossdressers*." (Jesus, 2012, p.10).

[3] "O termo mais antigo, usado no Brasil para tratá-los, é o de artistas transformistas. *Drag Queens/King* são transformistas [que] vivenciam a inversão do gênero como espetáculo, não como identidade." (Jesus, 2012, p.10).

que reivindica o reconhecimento como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem." (Jesus, 2012, p.8).

A transexualidade, portanto, é definida pela identificação com o gênero oposto ao socialmente designado (considerando masculino/feminino como opostos), independente das transformações corporais que tenham sido feitas neste sentido. Algumas pessoas que utilizam o termo *travesti*, frequentemente estão se referindo a transexuais.

Em relação à travestilidade, a autora (Jesus, 2012) entende como travestis "as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero." (p.9). Neste caso, as travestis seriam tratadas sempre no feminino e tratá-las como "os travestis" seria considerado insultuoso por desrespeitar sua identificação.

Por fim, temos os termos *Queer* ou Andrógino ou Transgênero. De acordo com Jesus (2012), **"**Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero." (p. 16).

Critérios para Análise Conceitual

Neste sentido, os autores Ferreira, Matos, Moura, Santos e Simões [no prelo] empenharam esforços para criar critérios de análise dos conceitos, de modo a sistematizar metodologicamente pesquisas conceituais, que é o caso do presente trabalho. Segundo os autores, em relação às pesquisas do tipo reflexivo, teríamos três tipos: pesquisas teóricas, filosóficas e conceituais. Os três tipos são interdependentes, e essa relação irá aparecer nos critérios formulados.

Assim, na pesquisa conceitual teríamos, segundo os autores, pelo menos cinco critérios principais para o desenvolvimento de conceitos bem estruturados:

> Coerência com a pesquisa básica; coerência com a pesquisa aplicada; coerência com a filosofia e a teoria subjacentes; precisão conceitual; e potencial para fornecer ao profissional os

> meios para o desenvolvimento e uso da tecnologia.[4] (Ferreira, Matos, Moura, Santos & Simões [no prelo], p. 9)

Assim sendo, analisaremos cada um dos pontos, a partir dos conceitos apresentados.[5]

Coerência com a pesquisa básica

A maior parte dos autores da pesquisa básica concorda com as proposições dos estudos Queer que rejeitam a idea de um sexo biológico como um construto natural. Por outro lado, encontramos alguns estudos com ideias dissonantes.

Segundo Pinto (2018) "O termo 'transexualismo' é utilizado oficialmente para definir os indivíduos cujas identidades se contradizem entre o corpo e a subjetividade" (p. 33). Em relação ao conceito de transgeneridade, utiliza como base, em princípio, a própria Jaqueline de Jesus (2012). Adiante, o autor traz outra definição de Maranhão Filho (2012 citado por Pinto, 2018), em que "O termo 'trans', oriundo da palavra 'transgênero', tem sido utilizado na sociedade para definir os indivíduos que, de algum modo, se declaram em processo de transição de gênero." Ou seja, a segunda definição já traz um sentido diferente da primeira.

Outros autores vão trazer a questão de que há um tenso debate sobre o termo "transgênero", e de modo geral não é consensual. Além disso, abafa as especificidades de algumas experiências particulares (Cruz & Souza, 2018).

Se considerarmos a maior parte da pesquisa básica e a Teoria Queer, não faria sentido a definição de Pinto sobre o transexualismo, já que utiliza a contraposição entre corpo e subjetividade que não é amparada pelas discussões colocadas. Além disso, já não se utiliza o sufixo "ismo" para denominações sobre gênero e sexualidade uma vez que estas indicam a presença de patologia.

---

[4] "coherence with the basic research; coherence with applied research; coherence with the underlying philosophy and theory; conceptual precision; and potential to provide the practitioner with the means to the development and use of technology."

[5] A proposta dos autores foi feita com base em uma relação a um contexto clínico, que não se aplica ao nosso caso. Por este motivo, faremos as devidas adaptações.

Assim sendo, apesar de não haver um consenso sobre o conceito de transgeneridade e outros conceitos relacionados, a proposta de Jaqueline parece estar em consonância com a maioria dos autores.

Coerência com a pesquisa aplicada

Este aspecto parece ser o aspecto mais bem desenvolvido do conceito de transgeneridade, já que este "guarda-chuva" conceitual tem tido grande aplicação prática em termos de organização de grupos e políticas públicas para a proteção de grupos minoritários. Assim, as pesquisas de um modo geral têm utilizado com sucesso o termo de modo a construir discursos que colocam devidamente o fenômeno descrito pela transgeneridade nas pautas, pesquisas e agendas acadêmicas. A partir deste conceito, tem-se formado um corpo teórico contra a cisheteronormatividade que também se vê refletido na pesquisa aplicada.

Coerência com a filosofia e a teoria subjacentes

A autora Jaqueline de Jesus (2012) utiliza como base teórica a Teoria Queer, que tem fundamento filosófico o pós-estruturalismo foucaultiano.

Em relação ao pós-estruturalismo, este pressupõe uma discussão sobre a produção de verdades que se dá a partir da *micropolítica*, com tecnologias pulverizadas de exercício de poder sobre os corpos. Essas tecnologias passam pelo poder sobre a vida e sobre o corpo, a chamada *biopolítica* que se estrutura como parte das tecnologias (Foucault, 1978).

A partir disso, a Teoria Queer desenvolve um corpo teórico e conceitual para desconstruir os discursos de Cisheteronormatividade, que regulam as performances de gênero e sexualidade no exercício do poder. O gênero, portanto, seria uma performance social, cuja dinamicidade se dá nas trocas com atores sociais e estaria em constante movimento. A partir das discussões de feministas como Beauvoir (1980), o sexo passa a ser considerado uma categoria biológica, enquanto o gênero uma categoria social. O gênero, enquanto construção social, não estaria necessariamente em concordância com o que se espera em termos de performance a partir do sexo.

Contrapondo esta ideia beauvoiriana sobre a distinção entre sexo e gênero, Butler (2003) defende que o fenômeno da categorização é sempre uma construção humana, por este motivo não há um masculino e um feminino naturais. As classificações sobre o corpo já são, por si, uma construção social, então, o próprio sexo seria um construto social e assim não haveria realmente diferença entre sexo e gênero.

Além disso, discutem as dicotomias entre masculino e feminino e masculino, hetero e homossexual, uma vez que são categorias que excluem a complexidade da experiência humana e tudo que não cabe nos opostos.

Assim sendo, a definição de transgeneridade de Jaqueline de Jesus (2012) está coerente com a pesquisa de base, uma vez que coloca como transgenerxs as pessoas que não se identificam com o gênero que foi lhes atribuído quando do seu nascimento. Desta forma, não opõe gênero a uma categoria supostamente natural do sexo. Por outro lado, mantém o dualismo entre masculino e feminino, cis e trans. Além disso, o próprio conceito de identidade de gênero, invoca a ideia de uma identidade fixa ou estável que a teoria Queer e as discussões pós-estruturalistas se propõem a desconstruir.

Precisão conceitual

A ideia de que a “trangeneridade” é um termo guarda-chuva indica o fato de que o conceito se refere a uma grande quantidade de possibilidades, se constituindo em oposição à cisgeneridade, ou seja, aquele que não se identifica com o gênero socialmente designado. Além disso, o termo também serve para caracterizar as pessoas que não se identificam com o binarismo ou com os papéis de gênero definidos socialmente, sendo esta uma categoria da própria transgeneridade (Jesus, 2012). Neste sentido, traz confusão.

Se considerarmos a definição de transgêneridade em oposição à cisgeneridade (Jesus, 2012), o conceito apresenta-se bastante preciso, uma vez que nos permite distinguir com facilidade as pessoas que são transgênerxs (todas as categorias de pessoas que não se identificam com as designações de gênero impostas quando do seu nascimento).

Já o conceito de transexualidade (Jesus, 2012), por sua vez, não nos ajuda a distinguir o fenômeno do não-fenômeno, uma vez que é definido como transexual toda pessoa que reinvindica o reconhecimento como mulher/homem. Nesse caso, não fica clara a diferença em relação aos homens e mulheres cisgênerxs que reivindicam o mesmo reconhecimento de gênero.

Potencial para fornecer ao profissional os meios para o desenvolvimento e uso da tecnologia

Aqui, vemos que os conceitos formulados por Jesus (2012), apesar de algumas inconsistências, têm servido para amparar as pesquisas sobre gênero no Brasil, de modo geral, e dentro da Psicologia, de modo particular, uma vez que a autora é psicóloga e utiliza discussões da Psicologia Social para ampliar o debate sobre gênero.

Temos como exemplos alguns direitos que vem sendo conquistado pelas populações trans, como algumas instituições que incorporaram a utilização do nome-social, outras que passaram a garantir a utilização do banheiro coerente com o gênero da pessoa trans, e assim por diante. Além disso, temos todo o movimento de despatologização que tem pressionado a retirada das identidades trans dos manuais diagnósticos e já alcançaram alguns avanços, apesar dos diversos entraves (Dias, 2015).

Considerações Finais

Assim, a partir das definições oferecidas, conseguimos ter os contornos mínimos numa área que, de modo geral, é difícil e trabalha com conceitos pouco consensuais. A partir desses conceitos, têm sido possível apontar determinados grupos e suas especificidades, e dar prosseguimento a pesquisas e ações práticas. A questão da despatologização das identidades trans, por exemplo, tem sido uma pauta de muitos trabalhos acadêmicos e tem conquistado avanços consideráveis no discurso psiquiátrico e do tratamento do tema nos manuais de psiquiatria.

Por outro lado, a falta de consenso e precisão conceitual tem tornado o campo confuso e por vezes este aspecto tem sido um dos principais obstáculos para o avanço teórico e técnico na área. Uma vez que trata-se de um tema que já sofre uma resistência

cultural bastante relevante, considerando a cisheteronormatividade que está na base cultura ocidental moderna, faz-se necessário unir todos os esforços possíveis para que não hajam brechas para argumentos que dificultem a implantação das mudanças necessárias.

Referências

Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo*, v.I, II. (Trad. Sérgio Milliet). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero*: *Feminismo e subversão da identidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Cruz, A. & Souza, S. (set./dez. 2018). Transgeneridades No Debate Atual Sobre As Políticas De Identidade: (Des)Construções E Tensionamentos Ao Paradigma Heteronormativo No Brasil. *Travessias*, Cascavel: *12*(3), 20 – 30.

Dias, C. (2015). Sobre a Patologização do Travestismo e da Transexualidade. Anais do Seminário Enlaçando Sexualidades. Salvador.

Ferreira, T., Matos, J., Moura, M., Santos, F., & Simões, A. [no prelo]. *Methodology of Conceptual Research in Clinical Behavior Analysis.* Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Foucault, M. (1978). *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal.

Jesus, J. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero*: conceitos e termos. Brasília: Autor. Retrieved Out. 11, 2019, from http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf.

Pinto, E. (2018). *Informação e transgeneridade***:** o comportamento informacional de mulheres transgêneras e as percepções da identidade de gênero. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília.